

Estudo diacrónico de expressões e locuções francesas na Língua Portuguesa

EUGENIA GONZALEZ
(Universidade de Lisboa)

Introdução

A língua francesa é, no século dezanove, a primeira língua estrangeira falada e traduzida em Portugal. O fulgor da Revolução Francesa, as conquistas de Napoleão e o brilhantismo do Século das Luzes explicam a predilecção dos Portugueses pela língua e a civilização francesas. O interesse dos Portugueses pela França tem, no entanto, uma origem mais longínqua: foi durante o século dezassete, o Grande Século de Luís XIV, que a França deslumbrou toda a Europa. As cortes europeias imitavam a corte de Versailles, falavam francês e apreciavam as obras criadas naquele país. A sedução exercida pela França prolongou-se pelo século dezoito sobretudo devido aos enciclopedistas cujas ideias deram lugar a uma revolução (sem falar da guerra de independência dos Estados-Unidos) que, apesar de dividir os espíritos, tornar-se-ia um ponto de referência para os europeus que estes estivessem no seu país de origem ou expatriados em alguma possessão. A criação do império por Napoleão Bonaparte, com o seu cortejo de soldados batalhando, incendiando e expoliando os diversos países de Europa, suscitou ódios tenazes mas também, curiosamente, firmes adesões. A França foi, portanto, durante todo o século dezassete, o século dezoito e os princípios do século dezanove o alvo de todas as atenções.

A língua francesa, tendo-se tornado a língua da diplomacia, dos salões e da cultura em geral, enriqueceu a língua portuguesa de palavras, expressões e locuções recolhidas através da aprendizagem da língua, de leituras e de traduções de obras francesas. Verifica-se, assim um trabalho de tradução anónimo que se deve ao conhecimento da língua e da cultura francesas e que levou os Portugueses a adoptar não só as ideias veiculadas pela língua estrangeira mas também a forma como eram expressas, e um trabalho de tradução profissional ligado à divulgação de obras de autores franceses.

Para este estudo sobre as expressões e as locuções portuguesas de origem francesa consultámos três dicionários bilingues portugueses. Um, publicado em Lisboa em 1811 e que tem por autores: o capitão Emmanuel de Sousa, Joachim Joseph da Costa e Vincent Pierre Nolasco da Cunha. E, dois outros publicados em Lisboa sucessivamente em 1887 e 1918 e que têm por autor Domingos de Azevedo. Temos igualmente consultado um dicionário unilingue publicado em Lisboa em 1881 pela Imprensa Nacional.

A consulta destes dicionários permitiu-nos observar diferentes tipos de empréstimos.

Consideramos empréstimos: o emprego de palavras francesas, a tradução de expressões ou locuções de origem francesa, o emprego de galicismos ou seja o emprego de uma locução em oposição ao génio da língua portuguesa. No estudo presente não analisámos o emprego de palavras francesas porque não temos encontrado exemplos em que elas estão inseridas numa expressão ou numa locução nos dicionários portugueses do século dezanove pois só foram anotadas nos dicionários mais tarde. Em contrapartida, analisámos o valor semântico das expressões e locuções traduzidas em português.

Neste estudo demos, portanto, particular atenção aos *decalques* lexicais e sintácticos a *tradução à letra* quando nas duas línguas românicas os conceitos, o léxico e as estruturas sintácticas coincidem; aos *fenómenos de diferenciação* quando a expressão ou a locução francesa não se coaduna com a língua e a cultura portuguesas; e *fenómenos de interpretação* quando se verifica que o sentido dado pelos dicionários portugueses a algumas expressões e locuções francesas não coincide com o que é dado pelos dicionários franceses.

Decalques e traduções à letra

Tendo tanto a língua portuguesa como a língua francesa por origem o latim e uma base de cultura greco-latina, estas duas línguas têm muitas expressões e locuções comuns.

Assim, no que diz respeito a provérbios sabemos que La Fontaine escreveu as suas fábulas tomando como fonte as fábulas de autores gregos e latinos (Esopo, Fedro, Avianus) que lia em latim ou em francês. Devemos a La Fontaine a descoberta ou redescoberta de provérbios vindos da Antiguidade e que, inseridos em fábulas escritas na língua clássica do século dezassete, passaram a fazer parte do património literário e cultural francês. As fábulas de La Fontaine tiveram muito êxito em França e em toda Europa, daí que alguns provérbios tenham sido traduzidos em português. No dicionário de português de 1881 da Imprensa Nacional encontramos o provérbio: a montanha pariu um rato. Este provérbio tem por origem a fábula "La montagne qui accouche (d'une souris)" de La Fontaine e não a fábula de Fedro "O parto da montanha" (em francês "La montagne en mal d'enfant") que serviu de inspiração ao primeiro.

Durante os séculos dezassete e dezoito, o teatro francês ficou célebre graças às obras de Molière, Racine, Corneille, Marivaux e Beaumarchais. O vocabulário do teatro era empregado metaforicamente na linguagem corrente, daí termos em francês algumas expressões tais como: *roi de théâtre*, *théâtre d'éducation*, *lever*

le masque que são mencionadas pelos dicionários portugueses bilingues do século dezanove assim como pelo dicionário de português com as traduções seguintes: *rei de teatro* (1881), *teatro de educação* (1881), *tirar a máscara* (1881), *levantar a máscara* (1887), *largar ou deixar a máscara* (1881).

Os dicionários bilingues mencionam a expressão *coup de théâtre* sem a traduzirem.

Deduzimos que esta expressão foi traduzida em português mais tarde e adoptada pela língua portuguesa com o seu sentido metafórico. Os dicionários, no entanto, mencionam e traduzem expressões que datam do fim do século dezanove. Temos, por exemplo, a expressão *coup d'état* anotada já pelo dicionário bilingue de 1811 e que encontramos em português (*golpe de estado*) no dicionário de 1881. Pensamos que esta expressão tem a sua origem na acção violenta e ilegal de Napoleão Bonaparte no 18 Brumaire – ou seja, no 2 de Dezembro de 1799. Atribui-se também a Napoleão o provérbio: *c'est en famille qu'on lave son linge sale*. Este provérbio é mencionado e traduzido à letra no dicionário bilingue de 1887: *lavar a roupa suja em família* passando a ter o mesmo sentido do que em francês “arranjar os seus negócios em família, secretamente”. A obra de Montesquieu legou-nos uma expressão que foi traduzida à letra em português: *l'esprit public, o espírito público* anotada pelo dicionário de português de 1881 e que a define como “opinião da maioria, de uma nação, de uma cidade, acerca dos assumptos de interesse geral”. Esta expressão ficou a ser conhecida durante a guerra de independência dos Estados-Únidos, a revolução de 1789, mas ironicamente também quando das invasões napoleónicas.

Por fim pudemos observar alguns decalques lexicais e sintácticos. Em francês o verbo *faire* pode ser seguido de qualquer verbo ao infinitivo. Em português, pelo contrário, não há mais de uma dúzia de verbos ao infinitivo que podem acompanhar o verbo *fazer*. Pensamos que a construção do verbo *fazer* seguido de um infinitivo tem vindo a diminuir na língua portuguesa, daí que certas traduções e empregos possam ser efectivamente arcaicos. Temos assim o provérbio *Faire venir l'eau à son moulin* que é traduzido no dicionário de 1811 por *fazer vir a água ao seu moinho*. Mas nos dicionários de 1881 e 1887 *fazer vir* é substituído por *levar*, o provérbio apresentando assim a sua forma actual: *levar água ao seu moinho*. Um caso semelhante ocorre com *faire savoir* que se empregava em português ainda na linguagem corrente no século dezanove no lugar de *dar a conhecer*. O dicionário de português de 1881 dá o exemplo que segue: *Escrevo-lhe para lhe fazer saber o casamento da minha filha*. Era também empregado na época – e o é ainda nos nossos dias – como fórmula nos alvarás e mandados judiciais e administrativos e nas cartas de lei. Constatamos assim que o emprego de *fazer* seguido de um verbo ao infinitivo tem recuado na língua portuguesa, sobrevivendo às vezes em linguagens especializadas.

Fenómenos de diferenciação

No que diz respeito aos fenómenos de diferenciação, distinguimos dois tipos de fenómenos: os que provêm da sintaxe e do vocabulário da língua portuguesa, e os que estão ligados à cultura portuguesa. Dos primeiros cita-

mos a locução *de temps en temps* que é traduzida por *de tempo em tempo* no dicionário bilingue de 1811. A construção *de...em...* indica a repetição de uma acção num lapso de tempo definido ou indefinido: de duas em duas horas; de quando em quando. O emprego desta construção é usual na língua portuguesa mas talvez porque o tempo é medido através de uma representação espacial pode-se ler no dicionário de português de 1881: *de tempo a tempo* ou *de tempos a tempos*; e um exemplo literário: *De tempo a tempo é bom que se descanse um pouquinho* (Castilho).

Temos em francês a locução *comme dit l'autre* que já é conhecida no século dezassete e que serve para apresentar ironicamente um provérbio ou uma citação de alguém supostamente conhecido. O emprego da locução pressupõe que o locutor não adere à citação por esta ser risível pela forma como esta é apresentada ou/e pelo seu conteúdo. Assim, se os dicionários bilingues de 1811 e 1887 traduzem a locução à letra (*como diz o outro*) não indicando que é irónica, o dicionário de português de 1881 opta por escrever a locução num português popular: *como o outro que diz*, realçando a vulgaridade da citação. A diferenciação sintáctica surge portanto neste caso para esclarecer as condições de utilização da locução.

Quando uma expressão tem um sentido próprio e um sentido figurado podem surgir fenómenos de diferenciação. No vocabulário da marinha francesa existe, por exemplo, a expressão *faire force de voile* que significa "usar todas as velas para aumentar a velocidade do navio" e, no sentido figurado, "esforçar-se para ter êxito num negócio". No dicionário bilingue de 1811 só constam a tradução (*fazer força de vela*) e o sentido próprio da expressão, ou seja, "navegar com todas as velas", mas o dicionário não especifica que a expressão significa que se quer ir mais depressa para, por exemplo, fugir de um outro navio ou atacá-lo. O sentido próprio da expressão explica o seu sentido figurado. É por isso certamente que o dicionário de português de 1881 indica duas expressões. Uma, tem o sentido próprio da expressão original: *navegar à força da vela*, e a outra tem o seu sentido figurado: *fazer força de vela*, empenhar-se muito no êxito de algum negócio.

A diferenciação cultural entre os povos faz com que algumas expressões e locuções não sejam compreendidas por outros povos pelas suas particularidades culturais. Por essa razão os tradutores recorrem à analogia para traduzi-las. Assim em francês para evocar tempos de barbárie recorre-se às expressões que seguem: *du temps du roi Guillemot*, *du temps que Berthe filait*, *du temps qu'on se mouchait sur la manche*. Estas expressões referem-se a personagens da Idade-Média e à falta de civilização. O dicionário bilingue de 1887 propõe para estas expressões, uma expressão portuguesa que se refere também a época da Idade-Média em Portugal: *na era dos Affonsinhos*. Esta expressão não tem no entanto o cariz popular que têm as expressões francesas. Mas é possível às vezes encontrar duas locuções com o mesmo nível de língua. Por exemplo a locução popular *prendre la poudre d'escampette*, que significa fugir, tem no dicionário bilingue de 1887 a equivalência que segue: *dar às de Villa Diogo* (vila-diogo).

Outro exemplo de diferenciação cultural que anotámos provém do vocabulário da caça. Na França os reis e a nobreza caçavam a cavalo e com uma matilha de cães, era – e é ainda nos nossos dias, apesar de já não haver reis – “*la chasse à courre*”. Deste tipo de caça vem a expressão *être aux abois*. No sentido próprio esta expressão significa que o veado está cercado pela matilha de cães, no sentido figurado emprega-se para dizer que uma pessoa está numa situação desesperada. O dicionário bilingue de 1887 dá como expressão equivalente: *estar mettido em talas*. O dicionário de português de 1881 diz que *estar mettido em talas* significa estar em apertos, embaraços e dá o exemplo que segue: *O ministro em talas jogava a maroma política* (R. da Silva). Nos nossos dias diz-se também: *estar encurralado*.

Fenómenos de interpretação

A definição é a parte mais importante de um dicionário. É nela que encontramos o saber-fazer do lexicógrafo, pois tanto os seus acertos como os seus desacertos irão influenciar a vida de uma palavra, de uma locução ou de uma expressão. E, isto é ainda mais verdade para os dicionários bilingues porque os seus leitores têm menos possibilidades de corrigir o que pode estar errado.

No âmbito do nosso estudo diacrónico sobre locuções e expressões constatámos que as inexactidões contidas nas definições influenciaram, por um lado, o conhecimento da expressão estrangeira e o seu emprego, e por outro lado, se esta expressão foi acolhida pela língua estrangeira, o seu significado e emprego.

O nosso primeiro exemplo é um provérbio dos meados do século dezanove: *On ne fait pas d'omelette sans casser des oeufs*. Este adágio culinário apela à resignação diante das perdas e dos sacrifícios que implica um determinado empreendimento. A ideia que é necessário conformar-se, resignar-se é fundamental neste provérbio e é o que permite distingui-lo de um outro provérbio: *Nul bien sans peine*, no qual domina a ideia de esforço. Ora, o dicionário bilingue de 1887 limita-se a acompanhar o provérbio de dois provérbios portugueses: *Não se pescam trutas a bragas enxutas*, e *Quem quer custe que lhe custe*, nos quais a ideia de esforço é dominante. Existe, no entanto, uma locução portuguesa que nos parece estar mais próxima do provérbio francês: *é custe o que custar*.

As condições de emprego de uma expressão fazem parte da sua definição. Temos assim a expressão: *La faim chasse le loup du bois*. Este provérbio dá a entender que a necessidade obriga os animais a sair do seu habitat, a abandonar os seus hábitos. No que toca aos homens, significa que a necessidade obriga os preguiçosos a trabalhar e os que se escondem a sair do seu esconderijo. O dicionário bilingue de 1887 propõe, no entanto, a definição que segue deste provérbio: *a fome é inimiga da virtude; a fome é negra*. Ora, apesar destas sentenças serem verdadeiras, não correspondem aos sentidos do provérbio francês e levam quem consultou o dicionário a empregar a expressão fora do contexto conhecido dando talvez origem a um *quid pro quod*.

Para finalizar este estudo analisamos duas locuções que apesar de serem semelhantes em francês e em português não têm o mesmo sentido nas duas línguas. Em teoria da tradução diríamos que se trata de “falsos-amigos”.

A primeira locução é: *tourner bride, voltar redeas*. Em francês a locução quer dizer “*prendre la fuite*” e em português “*mudar de parecer*”. Em francês aparece claramente a ligação semântica entre “voltar para trás mudar de direcção” e a fuga diante de um perigo. Em português o sentido da locução está ligado ao valor semântico do verbo *voltar*: mudar, converter, transformar, e ao sentido da expressão “*voltar alguém*” que significa “fazê-lo mudar de opinião”. O dicionário de português de 1881 dá o exemplo que segue: “*O diabo...tanto fez que até santos da Thebaida com as suas tentações voltou do avesso*” (Garrett).

A segunda locução é: *de court, de curto*. O dicionário de português de 1881 diz que a locução “*de curto*” significa “sem demora”, e dá o exemplo que segue: “*sem esperar outro preceito se ponha de curto o mais bizarro que puder ser*” (Vieira). Estamos em presença do sentido figurado de “*curto*”: um breve espaço de tempo. A língua francesa tem duas expressões com a locução “*de court*”. Uma, tem o sentido próprio da locução, a outra o seu sentido figurado. Assim, a expressão *tenir quelqu'un de court* significa deixar-lhe pouca liberdade, manter as rédeas curtas; enquanto *prendre quelqu'un de court* significa não deixar-lhe tempo de reagir. Esta segunda expressão tem portanto um sentido mais próximo da locução portuguesa do que a primeira.

Epílogo

O nosso estudo diacrónico sobre expressões e locuções francesas na língua portuguesa permitiu ver que tipo de influência a língua e a cultura francesas tiveram no Portugal dos séculos dezassete, dezoito e dezanove. Neste estudo consultámos somente alguns dicionários do século dezanove o que não permite termos uma visão completa das práticas discursivas desse século. Seria portanto de algum interesse completar a nossa pesquisa com outros tipos de documentos, tais como cartas, jornais, romances, o que talvez viremos a fazer.

A análise da definição lexicográfica em relação às expressões e locuções confirma, ao nosso ver, o que muitos dos que se interessam pela semântica defendem: o sentido de uma palavra ou de uma expressão só pode ser correctamente apreendido através dos seus funcionamentos discursivos. E, a análise das expressões em geral mostra de que maneira os locutores recorrem a um estilo metafórico para exprimir as suas ideias ou sentimentos, obrigando o linguista a conhecer o universo referencial do locutor. Não se trata portanto para o linguista de dar a conhecer somente as palavras que designam os objectos do mundo, mas também de dar a conhecer o funcionamento da linguagem ao aprofundar os mecanismos ligados à analogia enquanto factores dinâmicos na construção do sentido.

BIBLIOGRAFIA

- Dictionnaire François-Portugais* por Emmanuel de Sousa, imprimido por Simon Thadée Ferreira, Lisboa (1811).
- Diccionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* por António Lopes dos Santos Valente, imprimido pela Imprensa Nacional, Lisboa (1881).
- Grande Diccionário Francez-Portuguez* por Domingos de Azevedo, imprimido por António Maria Pereira, Lisboa (1887).
- Grande Diccionário Contemporâneo Francês-Português* por Domingos de Azevedo, imprimido por António Maria Pereira, Lisboa (1918).
- Les anglicismes* por Marice Pergnier, PUF, Paris (1989).
- Dictionnaire des expressions et locutions* por Alain Rey et Sophie Chantreau, Collection "Les usuels du Robert", Paris (1989).
- La quadrature du sens* sob a direcção de C. Normand, PUF, Paris (1990).